

## **AS REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS:**

### **A pulsão imagética e sgnica na produção dos sentidos no espaço**

**Gilvan Charles Cerqueira de Araújo**

Mestrando de Geografia UnB

E-mail: gcc99@gmail.com

**Dante Flávio da Costa Reis Junior**

Prof. Dr. Adjunto do Departamento de Geografia UnB

E-mail: dantereis@unb.br

#### **Resumo**

As representações simbólicas fazem parte do itinerário de evolução e desenvolvimento histórico do homem. A atribuição de significados a seres inanimados, ritos de passagem, ocorrências e fenômenos naturais, seres fantásticos e míticos, ocorrem desde os primórdios da raça humana. O espaço geográfico obtém um papel de elemento mantenedor, fundamentador e de referencia sgnica em diversas manifestações simbólicas, fazendo-se uso do potencial imagético existente no meio natural e antrópico, a simbolização e agregação de significados se torna um fato recorrente nas mais variadas sociedades.

**Palavras-chave:** Representações simbólicas. Valoração sgnica. Espaço.

## **THE SIMBOLICS REPRESENTATIONS:**

### **The imagistic and signic urge in the production of the senses in the space**

#### **Abstract**

The symbolic representations are part of the evolution itinerary and historical development of the man. The attribution of meanings the inanimate beings, natural rites of ticket, occurrences and phenomena, fantastic and mythical beings, occur since the beginnings of the race human being. The geographic space gets a paper to maintenance, to groundwork element and of signic reference in diverse symbolic manifestations, becoming use of the existing imagistic potential in the natural and anthropic way, the symbolization and aggregation of meanings if it becomes a recurrent fact in the most varied society.

**Keywords:** Symbolic representations. Signics valuation. Space.

#### **Introdução**

A imagem é o reflexo do mundo produzido por e em nossa mente. Esta é sem dúvida a maior dualidade histórica da filosofia quando tratamos de estudar a relação entre sujeito e

## As representações simbólicas: a pulsão imagnética e sígnica na produção dos sentidos no espaço.

*Gilvan Charles Cerqueira de Araújo; Dante Flávio da Costa Reis Junior.*

---

objeto, aí está localizado o eterno abismo epistemológico da razão ocidental ou então o ponto de confluência de tudo o que já foi produzido em termos de teoria conhecimento no mundo.

Na relação imediata estabelecida pelo corpo com o meio o choque perceptivo é intenso, uma imensidão de cores, sons, odores e sabores. Este é ponto de partida para aquilo que está além do trivialmente exposto, os indivíduos e a sociedade atribuem graus de valoração às coisas que os rodeiam: anéis, o sol, um lago, artefatos, o fogo; e depois do plano inicial passa-se logo a um estágio posterior presente desde nossos antepassados mais rudimentares, ou seja, o imaterial, o simbólico configurando assim a camada suprassensível carregada de subjetividade.

Quando as primeiras ferramentas foram cunhadas a base de pedra e madeira, o homem passou a atribuir valor simbólico a entes antes pertencentes apenas ao meio como mero componente disperso. Esta passagem do inanimado para o subjetivo e posteriormente o conhecimento cultural é a base para a proliferação das representações simbólicas.

A partir do momento que as coisas passam a ser tratado como signos e símbolos o mundo como um todo se torna um aglomerado de significâncias concretas e abstratas.

O signo cresce, expande-se e subdivide-se, alcança amplitudes e patamares antes inimagináveis aos seus próprios criadores, tornando-se lendas e mitos, fonte de medo ou coragem, fomentadores racionais do desenvolvimento técnico e psíquico, por vezes dando origem ao irreal: os simulacros, ou ilusões. Eis o toldo mais que complexo desta temática relacionada ao campo simbólico.

Nessa incessante e incansável criação e renovação simbólica, concreta e abstrata, territorial e histórica é que o ser humano se constitui enquanto tal. Na possibilidade de reproduzir o que já existe a evolução histórica passa a ser o terreno basilar para os aperfeiçoamentos técnicos, a evolução dos saberes, o vencimento dos medos e transposição dos desafios porvires.

### **Imagens, ideias e símbolos**

O filósofo Arthur Schopenhauer conclamou que “*o mundo é minha representação*”, esta máxima por si só explica a base de toda uma história sobre a eterna dualidade entre o ser

## As representações simbólicas: a pulsão imagética e sígnica na produção dos sentidos no espaço.

*Gilvan Charles Cerqueira de Araújo; Dante Flávio da Costa Reis Junior.*

pensante que vê, reflete, interpreta e nomeia: o *sujeito*, com sua oposição filosófica e psíquica, a saber: o que está diante de si – a objetividade e totalidade ôntica – podendo ser este um ser vivente ou outro ente qualquer inanimado de natureza concreta ou abstrata.

Temos então o primeiro passo ao intento de definir esta faculdade gnosiológica denominada imaginação. O sujeito cria a sua representação do mundo ao redor, uma verdadeira *imagem* de sua externalidade de acordo com características históricas dele próprio. Ao objeto – aqui entendido como tudo o que *está para si* – propicia as condições necessárias para a formação das *ideias*, ou seja, este amontoado representacional constituído por elementos imagéticos dos mais diversos.

A *ideia* seria então a própria abstração do mundo, daí a possibilidade em distinguir a ideação daquilo que realmente é:

O real é a interpretação que os homens atribuem à realidade. O real existe a partir das ideias, dos signos e dos símbolos que são atribuídos à realidade percebida [...] As ideias são representações mentais das coisas concretas e abstratas. Essas representações nem sempre são símbolos, pois como as imagens podem ser apenas sinais ou signos de referência, as representações aparecem referidas aos dados concretos da realidade percebida. (LAPLANTINE & TRINDADE, 2000, p. 3).

Apesar de toda esta rede de ideias ou imagens que compõem o todo representacional do sujeito perante o meio que o circunda, há um processo cultural e histórico que ultrapassa esta mera *reapresentação* do real pelo ser humano. A este processo damos uma genérica nomenclatura de *simbolização* que é por assim dizer nada mais do que agregar, valorar subjetivamente um ente.

O filósofo Jean Paul-Sartre (2009) teoriza que a imagem é algo menor, pelo simples fato desta ter apenas uma funcionalidade representativa na apreensão do mundo externo pela mente humana. A principal qualidade da imagem seria justamente seu papel abstrato, não sendo necessária uma exposição concreta de um ente para que este seja passível de ser pensado.

Esta tautológica constatação é apresentada de forma didática pela folha de papel em branco que num primeiro momento é vista e pensada ao mesmo tempo, e num outro ato é pensada não mais estando ao alcance dos olhos como porta de entrada inicial do sistema

## As representações simbólicas: a pulsão magnética e sígnica na produção dos sentidos no espaço.

*Gilvan Charles Cerqueira de Araújo; Dante Flávio da Costa Reis Junior.*

---

perceptivo (Sartre pág. 8, 2009). E de acordo como filósofo francês a diferenciação entre o imagético e o idealizado, está em seu grau de clareza fornecida pelo próprio cérebro sobre o que está sendo representado:

Assim, a única diferença entre a imagem e ideia é que, num caso, a expressão do objeto é confusa e, no outro, clara; a confusão deve-se ao fato de todo o movimento do envolver nele a infinidade dos movimentos do universo e ao fato de o cérebro receber uma infinidade de modificações às quais só pode corresponder um pensamento confuso, envolvendo a infinidade das ideias claras que corresponderiam a cada detalhe. (SARTRE, 2009, p. 16).

Assim como nos mostra Laplantine & Trindade (2000) os símbolos ultrapassam de forma sutil da própria imagem em si. Chega-se, portanto numa linha que divide entre o imagético e o simbólico ambos amparados pelo imaginário, amplamente explorada por psicanalistas, filósofos, antropólogos, sociólogos e demais ramos que tratam diretamente com o ser humano e sua subjetividade coletiva ou individual. “A ideia como representação mental de uma coisa concreta ou abstrata é considerada como o elemento consciente do universo simbólico” (LAPLANTINE; TRINDADE, 2000, p. 5).

Esta criação dos símbolos é possível devido ao fundamento psíquico da imaginação, que é justamente ir além do que de forma primária algo se apresenta a nós como percepção e até mesmo concepção. Caímos então num termo geral desta dualidade conceitual e umbilical entre a imagem e o simbólico, de que todo símbolo é uma imagem ou ideia lembrando sempre que nem toda ideia está sujeito necessariamente a uma simbolização.

Os símbolos fazem parte da história do ser humano. O entendimento da totalidade simbólica existente nos entes naturais ou antrópicos é fundamental para uma empreitada teórica e metodológica a fim de desmembrar os processos de aceção e deferimento de significância nas diferentes culturas existentes.

Carl G. Jung (2002) explana que os símbolos possuem uma carga de significado inconsciente – concernente à ordem pulsante dos desejos representativos das afeições e aversões ao meio e aos outros –, e que esta carga de significação está muito além de um contato imediato e primário com o que se está considerando na categoria simbólica.

Deve-se delimitar conceitualmente este termo, símbolo, em suas fronteiras não só puramente etimológicas, mas também quanto a sua importância no âmbito das ciências humanas como um todo. De acordo com Jung:

o que chamamos de símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós. [...] assim, uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. (JUNG, 2002, p. 20).

Muitos são as imagens ou ideias que dentro de um determinado contexto possuem ou extraem um significado simbólico específico pela ótica do interpretante. Como exemplo pode-se utilizar a gama infindável de manifestações religiosas por meio de símbolos similares com conteúdos diversos em cada um destes modos de concepção mítico.

Imagens como a luz, o sol e reencarnação estão dispostos de maneira até mesmo antagônicas de acordo com a cultura ou situação histórica em questão. Lembremos também que as imagens não são apenas abstraídas de entes concretos, mas também de situações, ações, fatos históricos entre outros.

Deste modo um ato específico como generosidade, a lembrança fatídica de uma conquista nacional, ou até mesmo as lendas, mitos, ritos e histórias fantásticas possuem uma carga simbólica alternada para o sujeito que a houve, interpreta ou conhece por outros meios.

### **Signos: significado e significante**

A semiótica é a ciência que estuda os signos, seus significados e significantes. Há um ponto de interseção entre as ciências sociais e as pesquisas envolvendo os signos pelo fato destes serem em grande medida os balizadores dos principais fenômenos sociais aos quais estas ciências se dedicam. Os semiólogos se dividem nas áreas core as quais esmiúçam seus esforços de pesquisa.

Em termos gerais podemos discernir dois grandes campos de concentração primeiramente a semiótica: a área linguística ligada mais aos temas voltados para a língua, a

## As representações simbólicas: a pulsão imagnética e sígnica na produção dos sentidos no espaço.

*Gilvan Charles Cerqueira de Araújo; Dante Flávio da Costa Reis Junior.*

---

comunicação e os significantes; e na numa segunda vertente temos a dedicação aos processos de valoração sígnica propriamente ditos, ou seja, as maneiras pelas quais uma palavra, ação, objetivo ou situação recebem o status de significância de um símbolo.

O centro de todo e qualquer estudo semiótico é a linguagem, seja ela verbal ou não, gerando as formas de manifestação dos signos como força intrínseca de seus significados, eis a essência da semiótica. A amplitude e abrangência da Semiótica são resumidas por Santaella da seguinte forma:

A Semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido. (SANTAELLA, 2003, p. 2).

Os dicionários e enciclopédias costumam por em pé de igualdade a definição de signo e símbolo. Mesmo que os termos sejam utilizados de forma equivalente, possuem sim uma diferenciação semântica, relevante apenas em casos de um aprofundamento metalinguístico de ambos. Para o estudo aqui apresentado tomando por base a teoria semiológica de Humberto Eco (1988), trataremos estes conceitos em semelhança de conteúdo.

Há então apenas uma função contextual na escolha das terminologias simbólica ou sígnica. No primeiro caso antropólogos, sociólogos e demais ramos ligados à psicologia se utilizam com mais frequência esta opção terminológica. Já o conceito de signo fica a mercê do uso mais intenso com os linguistas, filólogos e semiólogos voltados para a ligação existente entre a linguagem e a enunciação dos significantes. O signo seria, portanto:

uma coisa que representa uma outra coisa: seu objeto. Ele só pode funcionar como signo se carregar esse poder de representar, substituir uma outra coisa diferente dele. Ora, o signo não é o objeto. Ele apenas está no lugar do objeto. Portanto, ele só pode representar esse objeto de um certo modo e numa certa capacidade. Por exemplo: a *palavra casa*, a *pintura* de uma casa, o *desenho* de uma casa, a *fotografia* de uma casa, o *esboço* de uma casa, um *filme* de uma casa, a *planta baixa* de uma casa, a *maquete* de uma casa, ou mesmo o seu *olhar* para uma casa, nem a ideia geral que temos de casa. Substituem-na, apenas, cada um deles de um certo modo que depende da natureza do próprio signo. A natureza de uma fotografia não é a mesma de uma planta baixa. (SANTAELLA, 2003, p. 12 – grifos da autora).

## As representações simbólicas: a pulsão imagnética e sígnica na produção dos sentidos no espaço.

*Gilvan Charles Cerqueira de Araújo; Dante Flávio da Costa Reis Junior.*

O signo difere-se, portanto da imagem pelo fato desta segunda estar num plano representacional apenas. Ao signo é atribuído toda e qualquer utilização de sobreposição representativa de caráter imaterial e valoração subjetiva que abranja diferentes matrizes de constituição, assim como exemplifica acima Lucia Santaella. Tendo este esclarecimento conceitual de signo, partamos para o significado e significante com base na teoria semiológica de Humberto Eco em seu *Signo* (1988). Eco defende aprioristicamente o papel comunicacional do signo. O traslado informativo possível por meio da linguagem que estrutura vários sistemas de signos existentes:

El signo se utiliza para transmitir una información, para decir, o para indicar a alguien algo que otro conoce y quiere que lo conozcan los demás también. Ello se inserta en un proceso de comunicación de este tipo: fuente – emisor – canal – mensaje – destinatário. (ECO, 1988, p. 21).

E partindo do cânone teórico sobre o tema apresentado pelo autor podemos sintetizar a diferenciação entre significante e significado. O Significante está diretamente ligado à linguagem que a estrutura.. Desta forma os significantes ficam dependentes do contexto linguístico ao qual estejam associados. Por este motivo o signo por meio de um mesmo significado verbal pode ter vários significados diferente. Esta possibilidade diferencial de significados como já exposto acima está atrelado diretamente ao aspecto simbólico.

O exemplo dado por Humberto Eco é sobre o verbete *cavalo* que dentro da comunidade que se utiliza desta língua irá compreender seu significado associando-o diretamente ao ente cavalo. No entanto caso este significante seja pronunciado a um povo esquimó estes não assimilarão o significado do verbete, a não ser que este seja traduzido para o seu sistema linguístico específico, possibilitando a associação ao seu ente correspondente.

E também temos o caso do significado que é o conteúdo em si. A compreensão e entendimento só são possíveis por conta do processo de abstração realizado por nosso aparelho psíquico. O significado seria por assim dizer a apreensão e associação da coisa representada pelo significante podendo ter significados dos mais diversos. Os signos ou símbolos estão sujeitos ao interpretante, por meio de um código de linguagem específico, o sígnico passa a estar numa situação possível de enunciação pela, fala, gestos, figuras, entre outros.

## **Os semióforos**

No meio filosófico e antropológico recentemente outro conceito começa a ser utilizado como sendo uma alternativa verbal de similitude com o símbolo e o signo, trata-se do *semióforo*. A filósofa Marilena Chauí em suas teorizações sobre a nação brasileira e seus ídolos menciona categoricamente este conceito como enunciação a despeito do significado agregado aos entes pelo ser humano. O *semióforo* é todo e qualquer signo que está ligado a uma instância de manifestação deste signo como fenômeno social, histórico ou cultural.

Estas instâncias de manifestações podem ocorrer de diferentes maneiras, como por exemplo, um acontecimento histórico que de uma forma peculiar se destacou nos trilhos do tempo, tomando cena nos livros didáticos de história como sendo um ponto de descontinuidade ou de importância no decurso do todo histórico de um dado povo ou local. Em resumo Chauí diz que:

um signo trazido à frente ou empunhado para indicar algo que significa alguma outra coisa e cujo valor não é medido por sua materialidade e sim por sua força simbólica: uma simples pedra, se for o local onde um deus apareceu, ou um simples tecido de lã, se for o abrigo usado, um dia, por um herói, possuem um valor incalculável, não como pedra ou como pedaço de pano, mas com lugar sagrado ou relíquia heroica. Um semióforo é fecundo porque dele não cessam de brotar efeitos de significação (CHAUÍ, 2005, p. 12).

O *semióforo* e sua utilização enquanto conceito teórico voltado para o simbólico, está mais relacionado à aspectos históricos de identificação social com entes de natureza concreta ou não. O campo de exploração do *semióforo* por assim dizer são as tradições populares, os ritos e mitos, em termos gerais é a própria criação dos costumes no interior de uma organização social, dando valores além-mundanos à elementos componentes e ao mesmo tempo característicos de suas culturas.

### **O ilusório: a construção dos simulacros**

O imaginário simbólico possui suas derivações justamente por estar à mercê de diferentes concepções sociais e culturais, sejam estas individuais ou coletivas. Seguindo os passos de Laplantine e Trindade (2000) será exposto a presença por vezes imperceptível dos elementos de gradação simbólica existentes ao nosso redor, cujas referências são encontradas em obras clássicas da literatura universal e também em autores como Jean Baudrillard (1991), Humberto Eco (1984) e Gilles Lipovetsky (2007).

Os símbolos são as imagens criadas a partir da imaginação com base nas interpretações representativas do sujeito em relação a um determinado objeto concreto ou abstrato, dando a estes objetos gradações sígnicas e simbólicas distintas nas mais diferentes escalas, e alcance espacial ou temporal. (SARTRE, 2009). Tendo como fundamento esta definição qual é o impacto social e cultural causado por umas das modalidades do simbólico que é a *ilusão* e sua observação tácita na sociedade contemporânea em níveis e intensidades dos mais diversos

Em seu ensaio *Viagem na Irrealidade Cotidiana* Humberto Eco (1984) trabalha extensamente com esta modalidade simbólica que é o caráter arquetípico ilusório. No mundo inteiro existem criações de lugares *hiper-reais*, conceito este muito próximo ao *simulacro* de Baudrillard (1991). Enquanto o filósofo francês nos apresenta um estudo conceitual das ilusões irreais em franca expansão hoje em dia, Eco apresenta um coletânea de textos que tratam desta temática no cotidiano.

A ilusão não mais fica presa apenas dentro da mente que a pensa. Os recursos técnicos e tecnológicos possibilitaram a construção de lugares, paisagens e objetos anteriormente habitantes do mundo das ideias. Parques temáticos, lugares criados a partir de características seculares ou milenares, a própria indústria cinematográfica fornece uma verdadeira potência geradora de hiper-realidade, adaptações de fantasias literárias, seres lendários e míticos, entre outros. Como o próprio Eco menciona, ocorre uma verdadeira degustação destas mentiras e ilusões:

Eis a razão desta nossa viagem pela hiper-realidade, à procura dos casos em que a imaginação norte-americana deseja a coisa verdadeira e para atingi-la deve realizar o falso absoluto; e onde as fronteiras entre o jogo e a ilusão se

## As representações simbólicas: a pulsão imagnética e sígnica na produção dos sentidos no espaço.

*Gilvan Charles Cerqueira de Araújo; Dante Flávio da Costa Reis Junior.*

confundem, o museu de arte é contaminado pela tenda das maravilhas, e a mentira é saboreada numa situação de “pleno”, de *horror vacui*. (ECO, 1984, p. 14, – grifos do autor).

E o que fazer quando o sentido é perdido? O esquecimento do significado pela ausência total de referencia com o que se acredita ser a matriz reproduzida em algo que nunca será mais do que uma cópia, eis o pilar principal da teoria do simulacro elaborada por Jean Baudrillard. *As mass media* e o culto e adesão às modas passageiras fortaleceu em demasia a ordem dos simulacros, alimentando o imaginário popular com aquilo que está além da realidade objetiva, a hiper-realidade, mesmo que não se tenha ou seja, simplesmente pertencendo a esfera do parecer é o suficiente. Também Baudrillard utiliza o cinema para ilustrar supremacia dos simulacros:

O cinema nas suas tentativas atuais aproxima-se cada vez mais, e com cada vez mais perfeição, do real absoluto, na sua banalidade, na sua veracidade, na sua evidência nua, no seu aborrecimento e, ao mesmo tempo, na sua presunção, na sua pretensão de ser o real, o imediato, o insignificado, o que é a empresa mais louca (como a pretensão do funcionamento do *designer – design* – o mais alto grau do objectivo na sua coincidência com a sua função, com o seu valor de uso, é uma empresa propriamente louca) nenhuma cultura jamais teve sobre os signos esta visão ingênua e paranóica, puritana e terrorista.” (BAUDRILLARD, 1991, p. 64 – mantida a grafia original do texto).

Os simulacros são por assim dizer os estandartes do mundo ilusórios criado pelos meios de comunicação, pela expansão do consumismo exacerbado e antes de tudo pelo próprio desejo humano de produzir hiper-realidades, localizações nas quais as ideias são produzidas com fins específicos de satisfação da vontade. Em comparação com o campo do sígnico e simbólico o simulacro passa a ter um papel mais direto na produção de identificação por se tratar de algo que vai além de um processo natural de significação ou construção cultural.

O cunho de criação dos simulacros é de início ideológico, ou seja, fazem parte de interesses de um grupo limitado detentor dos meios possíveis e necessários para sua produção e reprodução na sociedade. (ECO, 1984; BAUDRILLARD, 1991). A simulação é por si só o

ponto de colisão de onde se abandona a importância do simbólico e passa-se a priorizar apenas os fins efêmeros aos quais se destinam a partir do momento que são concebidos.

Assim fica demonstrado um quarteto conceitual: o signo, o símbolo, o semióforo e o simulacro; que juntos podem preencher algumas das lacunas epistemológicas dos estudos relacionados à geografia humanista. Aprofundar-se no âmago dos interstícios de identificação e diferença culturais em variados agrupamentos humanos é uma tarefa de extrema complexidade. A mútua relação existente entre os conceitos aqui mencionados possibilita ao menos um patamar teórico de sustentação temática cultural da geografia.

### **A pulsão humana na produção de sentidos no espaço**

Após as referências já explanadas anteriormente, podemos chegar a conclusão que de a produção simbólica e efeito imagético e sógnico destes simbolismos é inato ao ser humano. Onde quer que haja uma simples comunidade haverá concomitantemente um rol simbólico e imagético de representações simbólicas, esta representatividade por vezes acaba por ser tornar o aparato subjetivo definidor e diferenciador de um determinado grupo de indivíduos em detrimento do restante existente (SARTRE, 2009).

O conceito de pulsão pode ser melhor entendido nas colocações de Jacques Lacan (1988), quando o autor une numa só contiguidade o simbólico, o imaginário e o real, como sendo mutuamente e complementarmente influenciados diretamente pela subjetividade, o desejo e a pulsividade sógnica do ser humano no meio em que habita, sendo manifestados por meio de *mecanismos instintivos de disparos imaginários*.

O real estaria assim inerentemente condicionado a conter em si uma profundidade de significância psicológica e imaginativa que beira o caráter instintivo de cada indivíduo, produzindo representações e relações de afeição e repulsa, enfim, engendrando verdadeiros mosaicos simbólicos no espaço geográfico.

Fazendo referência às contribuições de filósofos franceses como Jean Paul Sartre, Merleau-Ponty e em especial à Gaston Bachelard, Castro (1997) eleva a importância do valor simbólico nas análises sobre o elo de identificação e ligação subjetiva do homem com o meio por meio de suas representações simbólicas:

O valor simbólico do espaço está contido na sua proposta de pesquisar a *topofilia* para “determinar o valor humano dos espaços de posse, espaços proibidos a forcas adversas, espaços amados”. A relação psicológica do homem com o seu espaço encontra-se também na base de sua proposta de uma *topoanálise*, ou seja, um estudo psicológico sistemático dos lugares físicos de nossa vida íntima. É importante reter o elo afetivo entre a pessoa e o lugar, ou ambiente físico, como um componente do imaginário social e das paixões que constituem os alicerces das relações sociais. (CASTRO, 1997, p. 171 – grifos da autora).

O espaço geográfico é o plano material de possibilidades concretas e abstratas do homem. É nele e por ele que as significações são possíveis. A identidade com o meio e o sentimento de pertencimento dá ao território sua definição, àquela na qual vemos a apropriação, uso, ocupação e expansão de domínios numa determinada área. Esta relação identitária perpassará o real, atingindo o imaginário e alcançando por fim a significância simbólica que a define, na forma de pulsões representativas no espaço.

A esta necessidade de produzir símbolos, estabelecer signos engendrar representações igualmente simbólicas, atreladas ao território, Castro (1997) dá o nome de pulsão inata ao homem. Esta pulsão subjetiva é que possibilita a construção da relação entre o imaginário e seus simbolismos com a realidade objetiva do território, o meio ocupado e habitado pelos seres humanos.

### **Considerações finais**

O percurso traçado pelo pensamento geográfico para se chegar ao atual patamar de reconhecimento dado à geografia cultural e humanista foi obtido lentamente. A inserção de pensadores de outras áreas do saber, como filosofia, psicologia, antropologia e correntes metodológicas e teóricas como o existencialismo, a hermenêutica e o existencialismo, foram de fundamental importância para que os representantes da geografia cultural obtivessem visibilidade e notoriedade perante as outras áreas de pesquisa dos centros acadêmicos e instituições de estudos geográficos.

Por décadas o caráter subjetivo e simbólico do espaço foi ignorado pelas correntes geográficas. Desde os precursores germânicos da escola tradicional até a insurgência da nova

## As representações simbólicas: a pulsão imagnética e sígnica na produção dos sentidos no espaço.

*Gilvan Charles Cerqueira de Araújo; Dante Flávio da Costa Reis Junior.*

---

geografia com seu teor estatístico e positivista, não havia ocorrido de fato uma valorização dos aspectos culturais, sígnicos e abstratos atribuídos pelo ser humano ao meio.

Os signos e símbolos estão e fazem parte da totalidade do espaço geográfico. Quando uma determinada sociedade humana vive num território específico ocorre não só a utilização dos recursos naturais ali presentes. Faz parte da natureza humana atribuir sentido e valorar afetivamente e subjetivamente os elementos concretos e abstratos constituintes do espaço geográfico.

O intuito deste texto é ampliar o campo de visão acerca da história do pensamento geográfico e epistemologia da geografia. No que tange à história da geografia, suas nuances e rompimentos teóricos compõe um vasto e rico cenário de amadurecimento e crescimento da geografia enquanto ciência nos últimos três séculos, desde sua independência de outros saberes originalmente naturalistas e matemáticos até sua atual configuração e papel de protagonista no rol das ciências humanas como a história, sociologia e psicologia.

Na outra vertente, referente ao quadro da epistemologia da geografia, o desenrolar de evolução dos parâmetros e estrutura da corrente cultural e humanista constituem talvez um dos maiores esforços de agregar conhecimentos, técnicas, métodos, teorias e posturas de outras ciências ao escopo teórico da geografia.

As representações simbólicas sintetizam de maneira singular tanto a evolução e desenvolvimento da geografia cultural como também o fortalecimento teórico e metodológico alcançado pelos geógrafos durante este percurso.

A relação entre a natureza e o meio com o homem vai muito além de agrupamentos de dados, números estatísticos, comparações informacionais e disposição das características homo e heterogêneas do espaço. O sígnico, o simbólico, o cultural e o humano formam o verdadeiro sentido da geografia, o espaço humano.

## Referências

BAUDRILLARD, J. **Simulacros e Simulação**. Trad. Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio d' Água, 1991.

CASTRO, I. E. **Imaginário Político e Território: natureza, regionalismo e representação**. In: Explorações Geográficas (Org.) CASTRO, I. E; GOMES, P. C. C; CORRÊA, R. L. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 155 – 196.

CHAUÍ, M. **Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária**. 1ªed. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2005. (Coleção História do Povo Brasileiro).

ECO, H. **Viagem na Irrealidade Cotidiana**. Trad. Aurora F. Bernardini & Homero. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.

ECO, H. **Signo**. 2ª Ed. Trad. Francisco S. Cantarell. Barcelona: Editorial Labor, 1988.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. 6ªEd. Trad. Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2002.

Lacan, J. **O Seminário, Livro VII, A ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LAPLANTINE, F & TRINDADE, L. **O que é Imaginário?** São Paulo: Editora Brasiliense, 2000. (Coleção Primeiros Passos)

LIPOVETSKY, G. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. Trad. Maria L. Machado. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica?** 19ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

SARTRE, J. P. **A imaginação**. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&M, 2009.